

A IMPORTÂNCIA DA TELENVELA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO RECONHECIMENTO DAS IDENTIDADES SEXUAIS

Gabriela Maria Dutra de Carvalho ¹ e *Graziela Raupp* ²

Resumo

Este artigo apresenta um recorte de uma investigação, no âmbito do Doutorado em Ciências da Educação do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Portugal), linha de pesquisa Tecnologia Educativa. Tem por objetivo compartilhar os resultados das análises dos depoimentos de estudantes de graduação de vários cursos de licenciatura da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) sobre a importância das telenovelas brasileiras como artefato cultural e pedagógico para se dialogar sobre diversidade sexual, em especial sobre orientação sexual. A investigação, tipo descritiva, com cunho exploratório e interpretativo, buscou responder a seguinte pergunta: as telenovelas brasileiras que abordam essa temática possuem um cariz educador ao proporcionarem uma reflexão sobre as manifestações do desejo homossexual de homens e mulheres? Foram discutidas cenas de telenovelas da Rede Globo de Televisão com temáticas relacionadas à orientação homossexual com Grupos Focais. Teve como base teórica estudos pós-estruturalistas de gênero e homossexualidade. Concluiu-se que é necessária uma reflexão crítica sobre os conteúdos dessas telenovelas para contribuir com um processo de conscientização social e educacional, possibilitando que pessoas que fogem do padrão heteronormativo sejam reconhecidas e respeitadas nos espaços formais de aprendizagem, pelas famílias e sociedade em geral.

Palavras-chave: Formação de Professores; Orientação Sexual; Identidade Sexual.

THE IMPORTANCE OF TELENVELAS AS A PEDAGOGICAL RESOURCE IN THE RECOGNITION OF SEXUAL IDENTITIES

Abstract

This article presents part of doctoral research in Educational Sciences of the Institute of Education of the University of Minho (Portugal), research line Educational Technology. It aims to share the results of the analysis of the testimonies of undergraduate students from different courses at the University of the State of Santa Catarina (UDESC) on the importance of Brazilian soap

¹ Doutora em Ciências da Educação do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Portugal). Membro do Grupo de Extensão, Pesquisa e Ensino: Direitos Humanos, Cidadania e Diversidade (GEPE: DHCD/CNPq/UDESC) da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

² Doutora em Ciências da Educação do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Portugal). Membro do Grupo de Extensão, Pesquisa e Ensino: Direitos Humanos, Cidadania e Diversidade (GEPE: DHCD/CNPq/UDESC) da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

operas as a cultural and pedagogical artifact for dialoguing about sexual diversity, in particular about sexual orientation. The descriptive investigation, with an exploratory and interpretive nature, sought to answer the following question: do Brazilian soap operas that address this theme have an educational nature by providing a reflection on the manifestations of homosexual desire of men and women? Scenes from the Rede Globo television channel soap operas with themes related to homosexual orientation were discussed with the study groups. It was theoretically based on post-structuralist studies of gender and homosexuality. It was concluded that a critical reflection on the contents of these soap operas is necessary to contribute to a process of social and educational awareness, enabling people who deviate from the heteronormative pattern to be recognized and respected in formal learning spaces, by families and society in general.

Keywords: Teacher Training; Sex Education; Sexual Identity; soap opera.

1. Introdução

Todos somos seres sexuados e nos processos de construção de conhecimento humano, houve na história da educação, formas sistemáticas, voluntárias, assistemáticas, involuntárias, conscientes, formais e informais sobre sexualidade. Nesse contexto, destaca-se a importância de se ouvir o que os estudantes têm a dizer e quais interesses possuem sobre tão importante assunto. Nesses diálogos, os jovens revelam seus valores éticos e morais que merecem todo nosso respeito.

Desenvolver uma pesquisa com temas relativos à sexualidade com futuros professores e professoras, com apoio de recursos tecnológicos da televisão e nela o gênero telenovela, justifica-se, pois é notória a relevância e necessidade de se trabalhar com essa temática que é tão negligenciada nas instituições formais de aprendizagem.

Santos (2011) e Freitas (2014), em suas teses de doutoramento, entrevistaram professores e professoras portugueses e brasileiros e esses declaram que tanto em Portugal como no Brasil, mesmo com respaldo de legislações que formalizam o trabalho com educação sexual nos espaços formais de ensino, há uma lacuna na formação inicial e continuada nessa área do conhecimento. Tal fato faz com que esses educadores e educadoras não se sintam seguros para realizar um trabalho intencional e planejado com educação sexual. Certamente as reações desses profissionais diante das expressões sexuais dos estudantes, se calando ou impondo suas verdades, não raro, baseadas em rígidos princípios religiosos, revelam uma forma de educar sexualmente. Falta-lhes, muitas vezes, o embasamento científico.

Destaca-se também que, nas mais variadas leituras de cunho científico feitas no percurso de investigação sobre educação e sexualidade acontecidas no Brasil, observou-se a falta de formação inicial e continuada nesta área de

conhecimento nos mais diversos cursos que formam professores e professoras, cuja maioria vai atuar em sala de aula, o que fragiliza o trabalho sistemático e intencional com educação sexual nos espaços educativos.

Diante desse contexto, acredita-se que grupos denominados minoritários e diferentes, que pertencem à sigla LGLBTQI+, enfrentam exclusão nos espaços formais de aprendizagem, em uma sociedade heteronormativa, devido ao desconhecimento de muitos profissionais de que seu trabalho está também relacionado com os Direitos Humanos e pode colaborar com a sua ampliação para que posturas sexistas, homofóbicas e racistas sejam combatidas e não perpetuadas.

Sabe-se que há uma lacuna, nos currículos de graduação, assim como na formação continuada, de disciplinas e cursos que abordem a diversidade sexual e identidade de gênero. Com isso observa-se que, a partir das relações de poder que se estabelecem nos espaços formais de aprendizagem, as identidades sexuais se constroem e esse processo, certamente, acontece articulado a outras representações nas quais as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gêneros se apresentam implicadas e historicamente afirmadas.

Quando se fala em diversidade sexual, refere-se às diferentes orientações sexuais e identidades de gênero dos seres humanos, evocam-se os grupos que representam a sigla LGBTQIA+¹ Essa diversidade está presente no contexto escolar no qual há urgência de se problematizar a homofobia, em prol de uma educação inclusiva e de qualidade, a partir de uma ética democrática e da valorização dos direitos humanos que visa combater o sexismo e a hegemonia da heteronormatividade.

Partindo da constatação de que as telenovelas são um gênero de entretenimento apreciado por um número significativo de lares e que as temáticas sobre sexualidade estão sempre presentes em suas narrativas, revelando as mais diversificadas manifestações sexuais, configurando-se como artefato cultural e pedagógico para se dialogar sobre diversidade sexual, em especial sobre orientação sexual, este artigo traz as reflexões e sobre cenas de telenovelas da Rede Globo de Televisão com temáticas relacionadas à orientação homossexual².

¹ Essa sigla representa o grupo de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis, queer, intersexuais, assexuais e outras identidades de gênero ou orientação sexual não compreendidas pelas letras da sigla. Em outros momentos foi usada a Sigla LGBT representando lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis.

² Sobre a temática em pauta, foram selecionadas cenas das seguintes telenovelas da Rede Globo de televisão: *Outro Lado do Paraíso* exibida entre 23 de outubro de 2017 e 11 de maio de 2018; *Os Dias Eram Assim*, série de televisão brasileira produzida e exibida pela Rede Globo entre 17 de abril e 18 de setembro de 2017; *Liberdade, Liberdade*, telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo entre 11 de abril e 4 de agosto de 2016; *Babilônia* (em Portugal, *Babilônia*), telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo entre 16 de março a 28 de agosto de 2015. Em *Família*, telenovela brasileira produzida pela Rede Globo, entre 3 de fevereiro e 18 de julho de 2014. Essas novelas foram transmitidas nos horários das 21 e 23 horas.

Por meio da abordagem qualitativa a pesquisa visou explorar, interpretar e descrever os pontos de vista de estudantes de licenciaturas sobre a importância das telenovelas no processo de educação sexual dos indivíduos, configurando-se como um objeto de aprendizagem em educação sexual. Esta pesquisa é analítica, descritiva e de cunho exploratório, pois tem como objetivo descrever temas e subtemas, analisá-los e explorar as mensagens explícitas e implícitas, transmitidas pelas falas dos participantes dos grupos focais, a fim de revelar melhor familiarização acerca das informações obtidas, para que se chegue de forma mais segura, à confirmação ou rejeição da hipótese levantadas. A pesquisa feita foi de natureza transversal, qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, os dados foram levantados com estudantes de licenciaturas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) que responderam um questionário e voluntariamente aceitaram participar de um Grupo Focal O questionário foi aplicado de forma presencial nas quartas fases dos seguintes cursos licenciaturas: Pedagogia Presencial e a Distância, Educação Física, Artes Visuais, História e Geografia. O total de questionários aplicados foi de 139. Aceitaram participar da pesquisa 12 estudantes que foram divididos em dois grupos.

Para o tratamento dos dados recorreu-se à análise temática. De referir, ainda, que se atendeu aos princípios e procedimentos de natureza ética, tendo o protocolo sido aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). O conteúdo coletado foi analisado por análise temática, à luz de Braun e Clarke (2006, 2013), que é um método analítico qualitativo pouco demarcado e reconhecido, mas amplamente utilizado na Psicologia e em outras áreas, e é fundamental para a análise qualitativa. É um método independente da teoria e da epistemologia e pode ser aplicado em uma variedade de abordagens teóricas e epistemológicas.

2. Sobre homossexualidade

Essa temática refere-se à forma como os seres humanos manifestam seus desejos sexuais um pelo outro. A essas manifestações dos desejos convencionou-se denominar de Orientação Sexual. As nomenclaturas usuais (todas com sentidos culturais e históricos) que, socialmente, expressam os desejos sexuais humanos são: heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade. A primeira refere-se ao desejo manifesto por pessoas do sexo/gênero oposto ao seu; a segunda por pessoas do mesmo sexo/gênero e a terceira por ambos os sexos/gêneros.

Segundo Sousa Filho (2009), em uma perspectiva antropológica e sociológica, a orientação sexual revela um caráter subjetivo e apresenta-se como uma construção de caráter social. "É construída nos embates subjetivos e sociais, produzidos nas interações, a partir de padrões culturais, relações de poder, ideias sociais, configurando-se como um fenômeno individual tanto quanto coletivo" (SOUSA FILHO, 2009, p. 113). Este mesmo autor afirma que os estudos em antropologia e sociologia demonstram que, na espécie humana,

as orientações sexuais podem assumir várias formas e a variedade de orientações sexuais é encontrada em todas as culturas e em diferentes épocas, embora não se constituam necessariamente nas identidades sociais como conhecemos, hoje, nas sociedades ocidentais modernas.

A homossexualidade não é uma opção ou escolha que dependa da vontade do sujeito, de forma consciente, assim como qualquer outra orientação sexual, e também não revela uma causa específica, como proclamam muitos profissionais das áreas médicas e da Psicologia, assim como os pregadores religiosos também tentam explicar.

Ainda sobre a hipótese repressiva da sexualidade, “em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva” (FOUCAULT, 2017, p. 19), pois, desde o final Século XVI até os nossos dias, o falar sobre sexo não sofreu uma restrição, mas, contrariamente, submeteu-se a um progressivo mecanismo de citação. Assim, surgiu uma multiplicidade de discursos sobre o sexo no denominado campo do exercício do poder: há uma obstinação das instâncias do poder que ao falar e ouvir explicita detalhadamente acerca do sexo, assim como há uma incitação institucional de se falar dele. Até mesmo, segundo a nova pastoral católica, o sexo “não deve ser mais mencionado com prudência, mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até às mais finas ramificações” (FOUCAULT, 2017, p. 21). Esses discursos fazem parte do que é denominado por Foucault de dispositivo da sexualidade, que são formados por um conjunto heterogêneo de práticas discursivas e não discursivas que possuem uma função estratégica de dominação. “O poder disciplinar obtém sua eficácia da associação entre os discursos teóricos e as práticas reguladoras” (FOUCAULT, 2017, p. 244).

Segundo essa linha de pensamento, o dispositivo da homossexualidade construiu verdades sobre esse tipo de orientação sexual que, em uma sociedade heteronormativa, é visto como algo diferente.

Diante da perspectiva de se discutir e refletir sobre tal tema, buscou-se estabelecer conexões com os trabalhos propostos por teóricos que estudaram e estudam a sexualidade humana, nas vertentes pós-estruturalistas, tais como Louro (2001), Butler (2018) e Foucault (2017). Julga-se necessário destacar que o entendimento destas pesquisadoras sobre sexualidade é de que se trata de uma construção histórica, social e cultural e, assim sendo, por meio de estratégias de poder/saber acerca dos sexos, exerce um controle sobre o corpo ao correlacionar identidades, representações, linguagens, comportamentos, ações, crenças. Foucault (2017), em seus estudos genealógicos sobre sexualidade, confirma que a homossexualidade e virilidade mantinham estreitas ligações na Roma Antiga e estavam relacionadas com a posição e a relevância do homem na sociedade; isto é, permeavam as relações de dominação e de poder, que classificavam e hierarquizavam a sociedade.

A homossexualidade, como categoria psiquiátrica, psicológica e médica é reconhecida como “[...] uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino” (FOUCAULT,

2017, p. 48). Só a partir de 1970 deixa de ser considerada uma prática de sodomia para uma espécie de androgenia.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), a partir de 1992, estabeleceu que a homossexualidade não é uma doença, sendo retirada do CID-10 (Classificação Internacional de Doenças).

Diante do exposto, nota-se que não há um recorte para a homossexualidade feminina ou lesbianismo. Tal fato acontece, pois há menos estudos sobre orientação sexual lésbica que até o século passado era pouco visível. O que falar sobre mulheres homossexuais?

A origem da palavra "lésbica" vem do latim *lesbius* e originalmente referia-se somente aos habitantes da Ilha de Lesbos, na Grécia, onde morou Sapho, entre os séculos VI e VII a.C., considerada a décima musa grega, poeta do amor entre as mulheres. Neste mundo grego-oriental do Século VI a.c., era sacerdotisa de Afrodite e participava dos ritos de iniciação e de renovação simbólica da cidade. Poderosa, louvada em sua época pela qualidade de sua obra, e seus poemas, em fragmentos, atravessaram os tempos para cantar seus amores e seu desejo pelas mulheres. Assim, o relacionamento sexual entre mulheres passou a ser conhecido como lesbianidade ou safismo. Até ao Século XIX, a palavra lésbica não tinha o significado que hoje lhe é dado; o termo mais utilizado até então era "tríbade". Muitas nomenclaturas foram usadas nos últimos dois séculos para descrever o amor entre mulheres, tais como: amor, lesbicus, urningismo, safismo, tribadismo, entre outros.

No Brasil do Século XIX uma mulher com características masculinas era, algumas vezes, condenada ao hospício, como relata M. Clementina P. Cunha, pois "havia pouca hesitação para a internação de mulheres, decidida por seus maridos, pais, irmãos a menor "suspeita" ou desconforto causado por seu comportamento." (CUNHA, 1989, p. 14). Crime ou loucura, a recusa das mulheres em assumir seu papel "natural" de serem mães e esposas leva-as à morte, à prisão, ao internamento, à exclusão, caso sua atitude ameace o institucional e o normativo.

Rich revela que a existência do lesbianismo é, ao mesmo tempo, "... a transgressão de um tabu e a rejeição de uma forma de vida obrigatória" (RICH, 1981, p. 32). E acrescenta que a destruição dos documentos e memórias que registravam fatos do lesbianismo comprovam o desejo de preservação de uma heterossexualidade compulsória. Com certeza, o que é ocultado acaba não sendo registrado e desaparece da memória, o que vem deslocar e perturbar a ordem do discurso. Esse silêncio na história do lesbianismo é explicado por uma política patriarcal que, ao ocultar a experiência afetivo-sexual que dispensava a presença masculino, promove a visibilidade e ascensão do masculino.

A partir da segunda metade do Século XX, o lesbianismo se fortalece como uma categoria de subjetividade social, diferenciada e autoconsciente, devido à procura da sua própria definição, fundamentada nas verdades históricas, embora ocultas, de que sempre houve mulheres que amaram mulheres e defenderam esse tipo de amor.

Nas últimas três décadas vêm se configurando um movimento de afirmação que procura estabelecer modelos sociais positivos de identidade lésbica, permitindo que não somente pensemos o mundo, mas que também o transformemos, pois "... já que as coisas existentes foram feitas, podem, com a condição que se saiba como foram feitas, ser desfeitas." (FOUCAULT, 1994 p. 449), como sublinha Foucault, "É necessário não somente pensar o mundo, mas principalmente pensar sua transformação..." (FOUCAULT, 1994, p. 739).

Nos últimos 30 anos, personagens homossexuais, nas mais variadas mídias, se fazem fortemente presentes, principalmente após a criação do movimento LGBT (sigla usada a partir do final da década de 80) e atuação dos militantes da teoria *queer* que oportunizaram, com seus estudos, maior visibilidade a essas pessoas. Matérias de revistas, jornais, filmes e principalmente programas de TV abordam a questão da homossexualidade, seja de modo caricaturesco e estereotipado, como em alguns programas de humor, ou algumas telenovelas, mas também de forma comprometida com a verdade científica por meio de documentários, entrevistas, filmes, séries, noticiários, dentre outros. E as telenovelas são sempre mencionadas como um espaço de divulgação das diferentes orientações sexuais.

É comum ouvir de pessoas conservadoras que não se interessam mais em assistir às telenovelas da rede Globo pelo motivo de estarem contaminadas por gays e lésbicas. Mas essas pessoas, queiram ou não, estão sendo informadas sobre aspectos importantes que essas telenovelas trazem ao público sobre a diversidade sexual e, conseqüentemente, estão refletindo sobre seus processos de educação sexual e dialogando com seus pares sobre os temas apresentados o que, muitas vezes, pode levar esses telespectadores a reverem suas rígidas convicções preconceituosas sobre a sexualidade que foge ao padrão da heteronormatividade.

Silva (2015), em sua dissertação de mestrado sobre as representações da homossexualidade na telenovela *Amor à Vida*, transmitida pela Rede Globo no ano de 2013, fez um levantamento dos personagens LGBT em suas tramas e pontuou que, entre os anos de 1970 e 2013, 126 personagens LGBT participaram de 62 narrativas, das novelas das 18h, 19h e 21h. A partir de 2013, constata-se um crescimento de LGBT nas telenovelas, porém as tramas apresentadas "continuam enfrentando resistências com relação à participação de personagens gays, lésbicas e bissexuais - refere-se aqui apenas à homossexualidade porque nesses anos travestis, transexuais e transgêneros não integram as tramas" (SILVA, 2015, p. 93).

Pela receptividade do público à televisão, as telenovelas poderão propiciar importantes esclarecimentos sobre a homossexualidade, pois a popularidade desse gênero televisivo não se mede somente pela cotação do IBOPE, mas principalmente pelo espaço que ocupa nas conversas e debates de todos os dias, pelos boatos que alimentam, e pelo seu poder de catalisar uma discussão nacional não somente em torno dos meandros da intriga, mas também acerca das questões sociais.

3. Temas e subtemas abordados pelos participantes dos grupos focais

As cenas apresentadas aos grupos focais para reflexões dos seus componentes foram: a) A primeira cena é de um médico que dialoga com um ex-colega de colégio sobre a dificuldade em se aceitar como homossexual. b) A segunda mostra essa mesma personagem em momentos íntimos com seu parceiro, usando roupas femininas, e é flagrado por sua mãe que tem dificuldades em aceitar a orientação sexual do filho. c) A terceira cena mostra duas mulheres dialogando sobre os sentimentos amorosos que nutrem uma pela outra: uma delas é casada e está em conflito por ter se apaixonado por uma mulher. d) A quarta cena acontece no momento histórico da ditadura e mostra dois jovens se beijando em uma festa e o irmão de um deles, ao perceber a cena, revela-se inconformado, mas a sua namorada mostra-se compreensiva e dialoga com ele sobre sua reação preconceituosa. e) A quinta cena mostra uma das personagens da cena anterior sendo agredida por um grupo de rapazes por estar usando saia. f) Na sexta cena esse mesmo casal da época da ditadura conversa sobre prevenção e contra doenças sexualmente transmissíveis. (É o momento em que surgem os primeiros casos de AIDS). g) A sétima cena mostra a relação explícita de um casal homossexual da época do Brasil colônia. h) E a última cena mostra o beijo entre duas mulheres lésbicas de meia idade.

Recolhidos os dados, fez-se sua análise temática, tendo como base teórica estudos pós-estruturalistas de gênero e homossexualidade, na qual foram inferidos tópicos que se desmembraram em importantes temas e subtemas sobre questões tão pouco discutidas e até mesmo invisíveis na sociedade sobre homossexualidade: consciência da orientação sexual; autorrejeição; aceitação por terceiros; homofobia; estereótipos sexuais; telenovelas como recurso pedagógico: educação sexual e infância, professor mediador. Neste artigo destacamos as reflexões sobre os s temas abaixo relacionados:

3.1 Autorrejeição

Segundo a percepção das cenas pelo grupo, esse processo de aceitação da orientação sexual varia de pessoa para pessoa. Há casos de pessoas que descobrem seus desejos por outras do mesmo sexo já na fase adulta e também entram em conflito com o novo e o antigo, como revela a fala de Brena:

Então ela tá ali, é uma mulher lésbica, casada com um homem e para deixar tudo aquilo ali, a identidade dela se voltar, porque ela era só pra família, e aí se voltar para a própria sexualidade foi um processo doloroso para a personagem. Ela pensou no filho, pensou no marido que era uma pessoa muito boa.

Por outro lado, o processo da personagem lésbica foi menos doloroso do que da personagem-médico que tinha nojo de ser homossexual como reafirma Brena:

A Clara não tinha essa visão torpe do que é a sexualidade dela. Ela sabia que ela ia ser feliz independente de com quem fosse. Ela queria a própria felicidade, ela buscava a felicidade dela. Então enquanto ela estava feliz no casamento ela continuou com ele. E quando ela percebeu que não ia ter como continuar no casamento, que ela queria a Marina também, ela terminou com ele.

Também é levantada a questão das pessoas que fogem do seu desejo homossexual e buscam construir família para dar satisfação à sociedade em que a heteronormatividade é hegemônica:

Ela sempre soube. Depois ela conversa com a Bruna Marquezine¹² que é até a sobrinha dela na novela. E ela falava que ela sentia desejo quando ela era mais nova. Mas ela pensou que fosse uma coisa normal de amiga, de adolescente, mas ela sabia também (BRENA).

Parece que ao mesmo tempo, que ele está tentando, vai casar, ele quer se libertar ou fugir dessa realidade, na medida também que ele quer corresponder sexualmente, ele falha no momento. Ele está neste conflito, tentando uma postura hétero, para renegar aquilo que ele provavelmente não gosta nele, que é aceitar a homossexualidade dele (ANDREI).

É que na verdade ali o medo deles, a culpa é sempre a sociedade, sempre o outro. É como se a vergonha não fosse dele, a vergonha vai ser por causa da outra pessoa, não por ele em si. Pelo menos no primeiro vídeo (DOM)

Para Andrei, o sentimento de culpa está presente nas falas das personagens masculinas e femininas:

O sentimento de culpa. O primeiro acho que é o conflito de aceitação, a pessoa não quer, ou não aceita essa condição, tenta negar, até por uma forma cultural, preocupada em decepcionar outra pessoa e a mãe. A segunda cena, também não há uma aceitação, mas ela também não é tão radical, é um conflito ainda. Há uma tentativa de descoberta, 'eu estou diferente, eu estou sentindo um sentimento e isto está me atraindo', e tentar encontrar, isso é uma nova relação de possibilidade. Mas também sempre permeia ali uma noção de culpa, a outra pessoa, romper a relação hétero para assumir essa nova é conflitante (ANDREI).

O sujeito homossexual se sente culpado, pois:

3 LUIZA (Bruna Marquezine), sobrinha de Clara (Giovanna Antonelli), personagem que vive o drama a respeito de sua orientação sexual na telenovela em Família, cujas cenas foram apresentadas aos Grupos Focais.

[...] a norma que foi sendo construída a partir do homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. Essa é nossa identidade referência, a identidade que não precisa ser mencionada porque é suposta, está subentendida. Por isso os "outros", os sujeitos "diferentes", os "alternativos" ou os "problemáticos" serão, em princípio, as mulheres, as pessoas não brancas, as não heterossexuais ou não-cristãs (LOURO, 2011, p. 65).

Assim, pessoas de orientação homossexual, nas sociedades do mundo ocidental, desde os séculos passados, sabendo que tinham de enfrentar o ostracismo e sofrer a ameaça de serem processadas, muitas optaram por se casar e esconder sua sexualidade.

Toda opressão sofrida pelas pessoas por serem homossexuais é, muitas vezes, introjetada e o indivíduo fica com dificuldade de se aceitar como ele é, de respeitar a si mesmo e às pessoas que vivem na mesma condição. Tal expressão, cerceada da diversidade humana, faz com que a vida fique mais difícil nos mais variados espaços sociais.

3.2 Homofobia

A palavra homofobia foi usada pelo psicólogo norte-americano George Winberg, no início da década de 70 do Século XX, para nomear a aversão (ou o temor) de estar no mesmo lugar, ou em contato próximo com homossexuais; e, no caso dos próprios homossexuais, a auto aversão (BRASIL, 2012, p. 05).

Segundo o Relatório acerca da Violência Homofóbica no Brasil:

A homofobia possui várias formas, que abrange muito mais do que as violências tipificadas pelo código penal. Ela não se reduz à rejeição irracional ou ódio em relação aos homossexuais, pois também é uma manifestação que qualifica o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido à sua diferença, esse outro é excluído de sua humanidade, dignidade e personalidade (BRASIL, 2012, p. 05).

Nunan declara que o termo 'homofobia', hoje, não atende a todas as manifestações contrárias a orientação sexual que foge ao padrão heteronormativo, pois se refere somente à atitude extrema de apreensão psicológica (fobia), ocultando outras formas de hostilidade que existem diante da homossexualidade e que não fóbicas. Sugere que se use, ao invés de 'homofobia', a expressão 'preconceito sexual' (NUNAN, 2003, p. 78). No presente artigo, usa-se a palavra homofobia por ser adotada politicamente nos espaços institucionais e pelos grupos LGBTQIA+. Diante desse fato,

As definições valem-se basicamente de duas dimensões, veiculadas de modo isolado ou combinado, conforme a respectiva compreensão. Enquanto umas salientam a dinâmica subjetiva desencadeadora da homofobia (medo, aversão e ódio, resultando

em desprezo pelos homossexuais), outras sublinham as raízes sociais, culturais e políticas desta manifestação discriminatória, dada a institucionalização da heterossexualidade como norma, com o conseqüente vilipêndio de outras manifestações da sexualidade humana (RIOS, 2009, p. 60).

Rios, nesse artigo, destaca que em relação ao segundo aspecto abordado na citação, seria mais adequado o uso do termo heterossexismo por designar a discriminação experimentada por homossexuais e por todos aqueles que desafiam a heterossexualidade como parâmetro de normalidade em nossas sociedades.

E um outro ponto, para quem analisa, e pensa um pouquinho mais, vai pensar e vai refletir, na sociedade aí fora vai pensar assim, a mulher não presta, casou com homem e agora quer uma mulher. E o outro lá, que casou com mulher e tem relações com homem, ele ia ser o cara, é uma sacanagem (DOM).

Por que ele é reprimido? Porque ele tem que ter um grau de masculinidade que a sociedade impõe para que ele tenha que corresponder a isso (CAROL).

Sinceramente para mim, pelo que eu já estudei. Sobretudo veio com o cristianismo, a homofobia, mais um monte de preconceitos. Por exemplo, na época de Roma e da Grécia antiga isso tudo era tranquilo, a sexualidade era levada como uma coisa boa (BRENA).

As falas anteriormente citadas nos remetem ao seguinte subtema que foram percebidos em cenas discutidas no Grupo Focal: Preconceito e Discriminação. Segundo o site Significados, Preconceito é um juízo pré-concebido, que se manifesta numa atitude discriminatória perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento crítico ou lógico.

O preconceito é resultado da ignorância das pessoas que se prendem às suas ideias pré-concebidas, desprezando outros pontos de vista, por exemplo. Na maioria dos casos, as atitudes preconceituosas podem ser manifestadas como raiva e hostilidade. Conforme foi dito, o preconceito pode ser fruto de uma personalidade intolerante, porque as pessoas são geralmente autoritárias e acreditam nas normas do respeito máximo a suas ideias pré-concebidas, e desprezam qualquer outra ideia que ultrapasse a realidade que consideram como "normal".

Existem diferentes manifestações e tipos de preconceito, sendo as suas formas mais comuns o preconceito social, racial (racismo) e sexual (sexismo ou homofobia). Nas características comuns a grupos, atitudes preconceituosas são aquelas que partem para o campo da agressividade ou da discriminação. O preconceito faz parte do domínio da crença por ter uma base irracional, não do conhecimento que é fundamentado no argumento ou no raciocínio.

Discriminação é um substantivo feminino que significa distinção ou diferenciação. No entanto, o sentido mais comum do termo é designar uma ação preconceituosa em relação a uma pessoa ou grupo de pessoas. A discriminação ocorre quando alguém adota uma atitude preconceituosa (baseada em ideias preconcebidas) em relação a alguém, seja por questões raciais, de gênero, orientação sexual, nacionalidade, religião, situação econômica ou qualquer outro aspecto social. Uma atitude discriminatória resulta na violação do artigo 7 da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

[...] todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação (BRASIL, 2009, p. 9).

A partir da noção de fobia, as formas de preconceito e de discriminação que sofrem as pessoas de orientação homossexual revelam, segundo Rios, "como elemento central as dinâmicas individuais experimentadas pelos sujeitos e presentes em sua socialização" (RIOS, 2007, p. 62).

Assim, o heterossexismo representa essa manifestação a favor da heterossexualidade como norma social, política, econômica e jurídica, explícita ou implicitamente. As atitudes heterossexistas, então, se fazem presentes em instituições culturais e organizações burocráticas, tais como a linguagem e o sistema jurídico. Aqueles que se reconhecem heterossexuais exercem privilégios e os demais, considerados "diferentes", são discriminados e oprimidos.

O ser homossexual em uma sociedade que, desde os tempos mais remotos, se caracteriza pela binariedade de sentimentos, ações e condutas que fogem do binômio homem e mulher são repelidas e discriminadas. O ser homossexual é o diferente, o que não é aceito pela sociedade, pela religião e pela família tradicional. É percebido como não-histórico e social, como estranho e que apresenta uma "identidade" com características desvantajosas. Tal percepção produz exclusão, violência e discriminação. Programas de televisão, assim como um grande número de telenovelas da Rede Globo de Televisão, têm apresentado casos de homofobia que podem ser utilizados como recurso pedagógico para provocar reflexões de homofóbicos e de não-homofóbicos. Diante dessa afirmativa, destacam-se as seguintes falas dos sujeitos que participaram desta pesquisa:

A cena revela o preconceito, basicamente. Uma coisa implícita, o bullying. Hoje é o bullying. Sempre aquela dúvida será que ele é? Isso permanece até hoje. Acho que mesmo assumindo ou não, 'mas ele tem os trejeitos', então sempre ficam algumas dúvidas, se é ou não é, até que a pessoa realmente se assuma (ANDREI).

Ainda há os preconceitos entre os LGBT's. Porque é assim, eu posso gostar de mulheres e sair com uma mulher, mas olha que nojo aquele cara saindo com outro cara (BRENA).

Das falas acima, destaca-se a questão do julgamento, da intolerância, do preconceito entre pessoas não heterossexuais. A sociedade julga porque está com o preconceito internalizado em consequência dos discursos hegemônicos estabelecidos em nossa sociedade, influenciada pelo discurso religioso e médico científico que legitimaram instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos configurando-se em dispositivos de controle da sexualidade que resultam em discriminação, negação e, não raro, punição de comportamentos sexuais “diferentes”, sob a acusação de crime, pecado ou doença.

Esse preconceito social fortalece a invisibilidade das formas subalternas da existência. “Esta subalternidade pode se estender desde a instalação de práticas legalizadas ou ilegalizadas até o menor acesso a políticas públicas, atravessada pelos mecanismos produzidos pelo preconceito” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 24). Esses mecanismos ocultam a desigualdade dos direitos sociais e proporcionam uma inclusão cruel na vida social, como acontece na escola, na família, na saúde, na cultura e nas relações sociais, ocasionando os mais diversos tipos de sofrimento vivenciados pelos indivíduos. Esse preconceito, esse olhar discriminatório contra os gays e lésbicas, como declaram as estudantes em suas falas, também acontece entre pessoas de identidades sexuais não heterossexuais, isto por que, entre esses grupos, também se estabelece uma relação de poder e, não raro, seus constituintes possuem uma formação conservadora, cujos princípios estão seriamente vinculados às ideologias essencialistas de identidade.

Há de se estar atento ao denominado *bullying* homofóbico, frequente nos espaços educativos e acontece no mundo inteiro revelando-se como “uma afronta ao princípio da dignidade da pessoa humana, na medida em que se caracteriza como um comportamento cruel, desumano e intolerável, causador de imenso sofrimento aos vitimados da sua prática. É uma violência que se utiliza da vítima – como mero instrumento – para se obter uma satisfação pessoal, ou seja, a de causar dor, ódio e humilhação a outrem” (RAUPP; VARELA; SILVEIRA, 2015, p. 1499).

Essa prática de violência acontece por meio de agressões verbais e/ou físicas como, por exemplo, falar mal, xingar, ameaçar, intimidar, gritar, bater, chutar, empurrar e outras ações que violentam o indivíduo. Esses autores declaram ser obrigação do sistema educativo atender ao que reza a constituição no que diz respeito à negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão do cidadão/” (RAUPP; VARELA; SILVEIRA, 2015, p. 1499).

Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), a cada 19 horas um LGBTQUIA+ morre de forma violenta vítima da LGBTfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. De acordo com esse relatório:

[...] tais números alarmantes são apenas a ponta de um iceberg de violência e sangue, pois não havendo estatísticas governamentais sobre crimes de ódio, tais mortes são sempre

subnotificadas já que o banco de dados do GGB se baseia em notícias publicadas na mídia, internet e informações pessoais. A falta de estatísticas oficiais, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, prova a incompetência e homofobia governamental, já que a Presidenta Dilma prometeu aprovar, mas mandou arquivar o projeto de lei de criminalização e equiparação da homofobia ao crime de racismo e o Presidente Temer não atendeu ao pleito do Movimento LGBT sequer para ser recebido em audiência” (2017, p. 02).

E quanto ao índice maior de violência, no Brasil, o relatório do Grupo Gay da Bahia assim o apresenta:

Das 445 vítimas de homotransfobia documentadas em 2017, 194 eram gays (43,6%), 191 trans (42,9%), 43 lésbicas (9,7%), 5 bissexuais (1,1%) e 12 heterossexuais (2,7%). Na categoria gay foram incluídos homossexuais masculinos, andrógenos, drag queens, transformistas e crossdressers, posto que embora esses últimos adotassem esporadicamente performance do gênero feminino, manifestavam identidade e eram socialmente reconhecidos como homossexuais. A categoria trans inclui travestis, mulheres transexuais e homens trans. 12 das vítimas foram identificadas como heterossexuais, justificando-se sua inclusão neste relatório pelo fato de terem sido mortos devido a seu envolvimento com o universo LGBT, seja por tentarem defender algum gay ou lésbica quando ameaçados de morte, seja por estarem em espaços predominantemente gays ou serem “T-lovers”, amantes de travestis. Do mesmo modo que um branco morto por defender quilombolas deve ser incluído sem sombra de dúvida entre as vítimas do racismo e qualquer pessoa que não seja um homem, mulher ou normal (2017, p.13).

Essas violências físicas à vida de um ser humano, assim como as não-físicas, conseqüentes de um processo de discriminação heterossexista, não são admissíveis em uma sociedade que preze os direitos sexuais como direitos humanos. Urge que haja uma efetiva atuação dos órgãos governamentais de persecução penal, pertinentes ao direito penal e civil. Atitudes intolerantes violam o direito da existência das diversas sexualidades e identidades. Os crimes de ódio, segundo Rios, é

[...] manifestação que merece intensa reprovação jurídica, atentam contra a convivência democrática. Daí também a propriedade da utilização de ações coletivas para a proteção e a promoção do direito ao reconhecimento das identidades forjadas e estigmatizadas num contexto heterossexista (2009, p. 79).

De acordo com Anuário de Segurança Pública, 2022, no que se refere a dados de violência contra população LGBTQI+, percebe-se aumento em todas as variáveis, sob as tipificações de homicídio (7,2%), lesão corporal dolosa

(35,2%) e estupro (88,4%). O Grupo Gay da Bahia indicou morte violenta de 300 pessoas LGBTQI+ no Brasil em 2021, aumento de 8% em relação ao ano anterior, das quais 276 foram homicídios, (OLIVEIRA; MOTT, 2022).

Os dados levantados por essas organizações da sociedade civil são muito superiores aos do Estado, o aumento observado nos registros pode ser encarado como aumento da cobertura estatal, que permanece, contudo, com uma subnotificação de ao menos, 45%, que ajuda a dimensionar o brutal descaso do Estado para com as vidas LGBTQI.

No decorrer das conversas, a moderadora dos grupos focais perguntou aos participantes se o índice de homofobia é maior entre os homens ou entre as mulheres.

Os homens têm um peso maior no sentido do machismo (BRENA).

Ele sofre mais porque, o fato dele ser homossexual para os outros homens ele não tem poder sobre outra pessoa (DOM).

Ele fica enfraquecido. Ele não exerce esse poder de macho. A sociedade sempre colocou para o homem esse papel de reprodutor, de provedor, e assim por diante". Por que o homem é reprimido? Porque ele tem que ter um grau de masculinidade que a sociedade impõe para que ele tenha que corresponder a isso (ANDREI).

Nessas falas, percebe-se a relação entre masculinidade e heterossexualidade. A primeira simboliza a força, a virilidade, o poder, presentes na história civilização do mundo ocidental, marcada pelo modelo patriarcal e machista. Essa intensa correlação faz com que homens sejam pressionados (social e psicologicamente) a afirmar sua masculinidade rejeitando elementos que não sejam culturalmente definidos como masculinos. Essa sociedade androcêntrica, construída sob o paradigma de uma hipermasculinidade violenta, hierarquiza os seres humanos. Welzer-Lang (2001) postula que:

[...] o duplo paradigma naturalista que define, por um lado, a superioridade masculina sobre as mulheres e, por outro lado, normatiza o que deve ser a sexualidade masculina produz uma norma política andro-heterocentrada e homofóbica que nos diz o que deve ser o verdadeiro homem, o homem normal. Este homem viril na apresentação pessoal e em suas práticas, logo não afeminado, ativo, dominante, pode aspirar a privilégios do gênero. Os outros, aqueles que se distinguem por uma razão ou outra, por sua aparência, ou seus gostos sexuais por homens, representam uma forma de não-submissão ao gênero, à normatividade heterossexual, à doxa de sexo e são simbolicamente excluídos do grupo dos homens, por pertencerem aos "outros", ao grupo dos dominados/as que compreende mulheres, crianças e qualquer pessoa que não seja um homem normal. (WELZER-LANG, 2001, p. 468).

Tal realidade torna mais vulnerável os não-heterossexuais e principalmente os transgêneros. Ainda sobre violência homofóbica, destacamos as seguintes observações dos participantes sobre as cenas em que o jovem gay, vestido de saia, é violentamente agredido por um bando na rua, ao afirmarem:

Tolerância. Só que ambas relacionadas à violência, ela remete muito às outras cenas que a gente viu no outro dia. Pode ser uma coisa, mas pode ser interpretada como outra. Pode trabalhar a violência, a intolerância, a homofobia, como pode estimular a violência. Como "Ah, isso aí está certo. É assim mesmo." É a questão das interpretações que a gente falou. Cuidado para não esforçar a reprodução de um preconceito (TATI).

Na segunda cena, o Fernando na aula de antropologia ele fala sobre o bando, as pessoas quando estão juntas elas viram outro ser, não é mais fulano, não é mais a Carol, não é mais a Bruna, é o grupo. E o grupo não tem nome, então eu sou anônimo, eu posso fazer essas coisas, ninguém vai saber quem sou eu. E eles sentem essa segurança de poder fazer o que quiserem, uma agressão, um roubo, uma baderna. Por exemplo, as torcidas organizadas porque eles estão protegidos pelo grupo (BRENA).

Na fala de Tati é pontuada uma questão bastante relevante no trabalho educativo com televisão referente às dimensões e categorias de análise relativas à produção cultural que adquirem um significado resultante de sua interação com a recepção e o consumo. O texto adquire significado por meio de seus leitores que lhes atribuem os seus códigos de recepção, isto é, os consumidores não são receptores passivos das mensagens, mesmo quando o sentido da decodificação coincide com o da codificação. A importância de um diálogo sobre essas cenas de violências homofóbicas, com o objetivo de combate a elas, e não o de reforço, se faz urgentemente necessário. Essa questão resulta em grande preocupação atualmente, visto que nosso país foi governado por um presidente declaradamente homofóbico e incentivava o povo ao uso de armas o que facilita a violência. Ao contrário, nós educadores e educadoras, respaldados pela lei maior, temos, obrigatoriamente, de cumprir o que diz a Constituição, no seu Art. 5º:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei; III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante (s/p).

Diante desses contextos de violências, Rios (2007) levanta uma hipótese, aceita por muitos estudiosos, de que reações homofóbicas violentas são provenientes de indivíduos que possuem sérios conflitos internos com suas próprias tendências homossexuais, “resultantes da projeção de um sentimento insuportável de identificação inconsciente com a homossexualidade” (RIOS, 2007, p. 60).

Enfim, segundo Carvalho (2019), o preconceito e a discriminação contra seres humanos, pelo simples fato de manifestarem seus desejos por pessoas do mesmo sexo, é um fato que gera violência física e verbal e fere os direitos humanos, especificamente dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos Universais dos quais destacamos os seguintes:

Artigo 2º. O DIREITO À AUTONOMIA SEXUAL, À INTEGRIDADE SEXUAL E À SEGURANÇA DO CORPO SEXUAL – Este direito envolve a capacidade de tomar decisões autônomas sobre a sua própria vida sexual num contexto de ética pessoal e social. Também, relaciona-se com o controle e o prazer de nossos próprios corpos livres de tortura, mutilação e violência de qualquer tipo.

Artigo 3º. O DIREITO À PRIVACIDADE SEXUAL – Este envolve o direito às decisões individuais e aos comportamentos ou às condutas em relação à intimidade, desde que não interfiram nos direitos sexuais dos outros.

Artigo 4º. O DIREITO À JUSTIÇA (equidade) SEXUAL – Este se refere à libertação de todas as formas de discriminação relacionadas a sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião ou incapacidades físicas ou emocionais. (2019).

4 Telenovela: importante fonte de informação sobre homossexualidade

Durante os diálogos acontecidos nos grupos focais, os participantes foram questionados sobre a importância das telenovelas como fonte de informação sobre temáticas sexuais e se suas abordagens eram positivas ao espectador:

Eu não vi só de uma forma positiva na minha comunidade. Eu vi muita gente de fora. Em todos os meus diálogos fora. Na lanchonete eu escutava o pessoal conversando. Eu escutei uma senhorinha conversando na lanchonete com um rapaz: ‘Ah, mas eu não tinha entendido, e agora com a novela eu entendi como é.’ Eu fiquei pensando que seria interessante. É aquela coisa, eu não sei se ela respeita, ou se não respeita. Mas entendeu (TATI).

As tramas geralmente abordam temas sociais como racismo, violência contra mulheres, alcoolismo e, principalmente, problemas sexuais, entre outros assuntos comuns, vividos pela população. E as telenovelas, mesmo na era das TIC, ainda apresentam uma aceitação em toda a sociedade, tanto entre o público adulto, quanto no jovem e até pelas crianças e exercem influência na vida dos brasileiros desde o modo de vestir até a forma de pensar.

E, sendo a televisão, no Brasil, a mídia com o mais alto índice de audiência, dentre seus programas destacam-se as telenovelas que são transmitidas todos os dias, com exceção de domingo. Nessas transmissões, os temas sexuais são veiculados por um longo período e tendem a ser debatidos nos mais variados espaços sociais. Isso permite que um tema seja pauta social o que pode ocasionar busca de informação e troca de conhecimento sobre o assunto.

Na tevê, a visão predominante é aquela que produz a sensação de imediatismo, um dos traços que caracterizam o cotidiano. E isto vale inclusive para a publicidade, porque se trata da síntese entre a cotidianidade e o espetáculo, embora este viva um equilíbrio instável que lhe dá certo ar de transgressão. Na televisão, nada de rostos misteriosos ou encantadores demais; os rostos na tevê serão próximos, amigáveis, nem fascinante nem vulgares, pois precisa haver proximidade entre os personagens e os acontecimentos, mediados por um discurso que familiariza tudo, tornando-os “próximos”, até o que houver de mais remoto, e assim se fazer incapaz de enfrentar os preconceitos mais “familiares” (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 295).

5. Considerações finais

Este artigo aborda um tema de relevância para nossa sociedade ao investigar de que forma poderemos aprofundar nossos conhecimentos sobre diversidade sexual, em especificamente sobre orientação homossexual, por meio de reflexões sobre cenas de telenovelas da Rede Globo de Televisão. Os temas são discutidos e estimulam a busca de leituras para melhor conhecimento da temática com críticas prós e contra o que é veiculado nas novelas. Os questionamentos e comportamentos dos estudantes a respeito da diversidade sexual e identidade de gênero estão cada vez mais presentes e, ao abordarem esses temas, as telenovelas provocam um maior interesse sobre o assunto, permitem que tomemos consciência de nossos preconceitos, formando multiplicadores que combatam posturas de violência e discriminação contra pessoas que fogem ao padrão heteronormativo nos espaços formais e não formais de aprendizagem.

Diante disso, o/a educador/a não poderá ser neutro/a nem se omitir a trocar conhecimentos com estudantes. Tem que dialogar embasado pelo conhecimento científico, respeitando sempre os valores e princípios que o/a educando/a traz de seu contexto familiar. Cabe à/ao estudante escolher qual caminho trilhar, numa perspectiva emancipatória. As telenovelas, assim como outros recursos audiovisuais (filmes, vídeos e documentários), possuem um potencial educativo sobre sexualidade e podem e devem ser usadas como recurso pedagógico em projetos de educação sexual a serem realizados em espaços formais e não formais de aprendizagem, “pois atingem um enorme público e tem o poder de informar e formar, mas essas informações têm que ser corretas e isso é excelente” (integrante do GF). Nelas muitos jovens, crianças e adultos se veem representados e passam a se compreender melhor.

E nesse contexto é de extrema relevância o papel docente que deverá ter uma postura de não julgamento, mas sim de esclarecimento provido de fundamentação científica. Assim agindo, estará educando para emancipação e cidadania.

Esses temas e as considerações feitas pelos membros dos grupos focais revelam o quanto o trabalho com telenovelas, enquanto recurso pedagógico, tem potencial para proporcionar reflexões críticas que geram conhecimentos sobre sexualidade e educação sexual. Os/as estudantes dos grupos focais aprenderam, ensinaram e refletiram sobre sua formação sexual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05.10.1988. Brasília, 1988.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Brasília, Brasil: ICP-Brasil, 2009.

BRASIL. **Lei Federal Nº 8.080**, de 19 de setembro de 1990. Brasília, 1990.

BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: o ano de 2011**. Brasília, Brasil: Secretaria de Direitos Humanos, 2012.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022: Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Ano 16 - 2022 ISSN 1983-7364. Disponível em : <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 15 jan. 2023.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Successful qualitative research: A practical guide for beginners**. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore/Washington, DC: SAGE Publications, 2013.

RAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**. 3. ed., v. 2, Bristol, UK, Inglaterra: UWE, pp. 77-101, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, Gabriela Maria Dutra de. **Educação e Mídias: as telenovelas e a formação de professores em educação sexual**. Tese. (Dourado em Educação) - Universidade do Minho-UMINHO, 2019.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. **Revista Brasileira de História**. A mulher no espaço público, 18ª ed., v. 9. São Paulo, Brasil: ANPUH, 1989.

FOUCAULT, Michael. **Dits et écrits (1954-1988)**. Paris, Gallimard, França: Quatro, pp. 789-821, 1994.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: A Vontade de Saber**. 5a ed., Rio de Janeiro/São Paulo Editora Paz & Terra, 2017.

FREITAS, Dilma Lucy de. **Blended Learning na Formação Contínua em Educação Sexual: um estudo com educadores de infância e professores do 1º**. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade de Lisboa – UL. Lisboa, 2014.

GBB, Grupo Gay da Bahia. **Relatório 2017: mortes violentas de LGBT no Brasil**. [ONG].

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. In: **Autêntica: Revista Brasileira de Formação Docente**, 4. ed. v. 3, Belo Horizonte, Brasil, pp. 62-70, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. 2a ed., pp.7-34 In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. In: Souza, Mauro Wilton de (Org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo, Brasil: USP/ Brasiliense, 1997.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro, Brasil: Caravansarai, 2003.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz (orgs.). **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: relatório 2021**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. Cortez, São Paulo, Brasil, 2008.

RAUPP, Graziela; VARELA, Cristina Monteggia; SILVEIRA, Guilherme Pereira. O fenômeno do bullying homofóbico nas instituições de ensino: o direito à igualdade sexual e o princípio da dignidade da pessoa humana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, p.1489-1506, 2015.

RICH, Adrienne. **La contrainte à l'hétérosexualité et l'existence lesbienne**, Nouvelles Questions Féministes.1. ed., pp.15-43. Éditions Antipodes, 1981.

RIOS, Roger Raupp. Conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: PocaHy, Fernando (Org.). **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre, Brasil: Nuances, 2007.

SANTOS, Vera Márcia Marques. **Pontes que se estabelecem em educação sexual: Um diálogo sobre a formação continuada e os saberes das práticas pedagógicas de professores no Brasil Portugal** (tese de Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil, 2011.

SILVA, Fernanda Nascimento da. **Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amos à Vida**. (Dissertação de Mestrado). Rio Grande do Sul, Brasil: Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica, 2015.

SOUSA FILHO, Alípio de. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: Junqueira, Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**, v. 32, p. 95-123. Coleção Educação para Todos. Brasília, Brasil: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2. p. 460-482, 2001.

Recebido em: 03 de novembro de 2022.

Aceito em: 06 de fevereiro de 2023.

Publicado em: 16 de junho de 2023.